

## A Gazeta

Cidades

26 de Dezembro de 2011, página 16 e 17

16 CIDADES

A GAZETA SEGUNDA-FEIRA, 26 DE DEZEMBRO DE 2011

HIPERTEXTO / RETROSPECTIVA

Os Estados Unidos quase deram um calote mundial, e a Europa vive seu pior momento, com riscos ao euro

# CRISE

## 2011 SEM SAUDADES

▲ **ABDO FILAD**  
afilad@negocios.com.br

2011 ficará marcado nos almanaques econômicos como um ano de muito mais baixos do que altos. Cambaleante desde a crise norte-americana de 2008, a Europa foi o epicentro dos problemas vividos neste ano que se encerra no próximo sábado. Sem um caminho bem pavimentado que leve à solução dos problemas envolvendo as dívidas dos países pertencentes à União Europeia, o continente viveu em 2011 conturbado e que não deixará saudades.

Ao mesmo tempo que os países da zona do euro precisam efetivar importantes cortes nos gastos públicos para contornar a crise da dívida, a Europa briga para não ver seu Produto Interno Bruto (PIB) encolher e para não ficar anos amargando o crescimento pífilo. Essa equação de difícil solução já provocou manifestações raivosas por parte da população, que viu o desemprego subir bastante e várias moedas serem extintas por conta dos cortes nos gastos públicos, e derrubou diversos governos, entre eles o do italiano Silvio Berlusconi.

Para 2012, o grande desafio da Europa será manter o continente unido em volado euro e da manutenção do bloco, o que não

vai ser fácil. Na primeira semana de dezembro, os líderes europeus anunciaram que chegaram a um acordo para reforçar as regras fiscais. Mas, ao contrário do que especulistas esperavam, não houve adesão dos 27 estados-membros da União Europeia. Apenas 23 confirmaram a intenção de participar da união fiscal. O Reino Unido se negou a revisar o tratado da União Europeia.

Mas não é só a Europa que expugnou em 2011. Além de crescerem a passos de tartaruga desde a eclosão da crise de 2008, os Estados Unidos, entre junho e agosto, se voltaram para o debate (embora também caberia) entre congressistas e o presidente Barack Obama sobre a elevação do teto da dívida pública do país. Caso não tivesse havido um acordo, a maior economia do mundo, pela primeira vez na história, não honraria seus pagamentos.

Um calote norte-americano já seria desastroso num mundo sem crise, numa economia patinando, seria uma hecatombe.

O prazo máximo para que o EUA conseguisse honrar seus compromissos vence na madrugada do dia 2 de agosto. O acordo, permitindo elevar o teto da dívida pública norte-americana em pelo menos US\$ 2,1 trilhões, saiu na véspera. Ele previu, ainda, cortes de cerca de US\$ 3 trilhões.

**EMERGENTES**

Nos emergentes, caso de China e Brasil, a preocupação foi de não deixar a crise do mundo desenvolvido afetar suas economias. A China reviu para baixo seu índice, mas deve fechar o ano acima de 7,5% em 2010 e pagar por isso, com inflação acima da meta, em 2011, deverá voltar aos tradicionais e indesejados 3,5% de expansão neste ano.

O Japão, que já vem economicamente mal há alguns anos, sofreu um forte baque em março, com um terremoto seguido de um tsunami que matou mais de 20 mil pessoas. Preocupados em se organizar internamente, os japoneses, com sua falta poupança interna, pouco puderam ajudar na solução da crise mundial.

### UM ANO RECHEADO DE PACOTES

**ESTADOS UNIDOS**

Em setembro, o presidente Barack Obama anunciou planos para reduzir o déficit do país em US\$ 3 trilhões (aproximadamente R\$ 5 trilhões) na próxima década. Ele se viu obrigado a cortar gastos depois de o Congresso ameaçar não aprovar a elevação do teto da dívida americana, em agosto. Se isso acontecesse, seria a primeira vez na história que os EUA não cumpririam com suas obrigações.

**EUROPA**

Em outubro, os líderes europeus anunciaram um pacote anticrise. Os países terão de ampliar seu capital próprio, a partir de 30 de junho de 2012, para 9% do total de seus ativos. A Autoridade de Bancos Europeia estimou em 100 bilhões de euros a necessidade para recapitalizar as 70 instituições financeiras europeias.

A capacidade de empréstimo do Fundo Europeu de Estabilidade Financeira, que atualmente é de 440 bilhões de euros, aumentará para 1 trilhão de euros.

**A VOZ DE OBAMA**

*"Eles (os líderes europeus) estão tentando tomar medidas responsáveis, mas essas medidas não têm sido tão rápidas quanto elas deveriam ser."*

**BARACK OBAMA** PRESIDENTE DOS EUA, EM 26/09/2011

CIDADES 17

SEGUNDA-FEIRA, 26 DE DEZEMBRO DE 2011, A GAZETA

### MUITOS PROTESTOS E NEGOCIAÇÕES

Dos 27 membros, 23 aderiram à união fiscal. O acordo inclui obrigou os Estados-membros a passar para a esfera jurídica uma regra em que se comprometem a manter seus orçamentos em equilíbrio. Isso significa que não será possível um déficit estrutural de mais de 0,5% do PIB.

Além disso, um Estado-membro terá de enfrentar sanções automáticas caso tenha um déficit orçamentário superior a 3% do PIB, a menos que as sanções sejam desviadas pela maioria dos países da zona do euro.

### Ocupa

A crise fez surgir nos EUA o movimento Occupy Wall Street, um manifesto contra o sistema financeiro.

### Diffícil

Mesmo sob muita pressão interna e externa, os líderes europeus ainda não deram fim à crise.

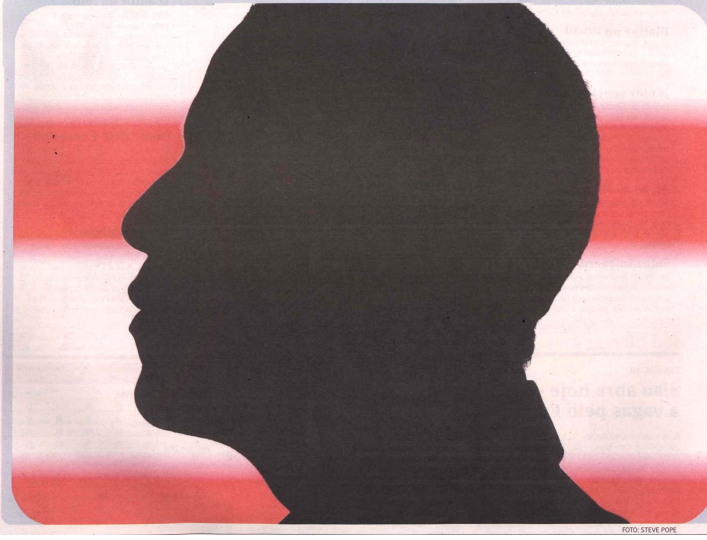


FOTO: STEVE POPE

### DUAS VISÕES SOBRE A CRISE

**Perspectivas da economia mundial**

▲ Nos últimos anos, a economia mundial foi atingida por dois choques: no mercado de imóveis americano em 2008 e, mais recentemente, o endividamento público europeu. No momento, os mercados estão mais atentos ao endividamento europeu, fruto dos elevados déficits fiscais. A construção do cenário mundial no próximo ano vai depender da eliminação destes déficit. A preocupação dos mercados não é tanto com o tamanho da dívida, mas com a sustentabilidade, fruto do seu elevado crescimento. Neste cenário, sendo controlado os déficits europeus, o mundo deve reduzir a incerteza e manter crescimento razoável. Se não controlar os déficits fiscais, há possibilidade de aumento do risco nos mercados internacionais e uma nova recessão mundial passa a ter maior probabilidade. No Brasil, vivemos com alta inflação e baixo crescimento. O primeiro é fruto do desaquecimento do PIB com a já elevada meta de inflação. O segundo é fruto do elevado gasto do governo, associado a baixo investimento e elevados tributos. Continuamos sendo um país que taxa como se não fosse, investe como se pobre fosse e gasta como se rico fosse. Ineficientemente, não há

### Por aqui, Juros vão continuar caindo

▲ O consenso do mercado para 2012 é de que as taxas de juros continuarão de queda, podendo chegar ao redor de 9,5% em meados do ano e permanecer nesse patamar até o final do período. Assim, os investidores acionários correrão riscos mais saudáveis e previsíveis. O mercado acionário está volátil e deve continuar em 2012. Porém, é desses momentos de alta volatilidade e de Bolsa de Valores em níveis bem baixos que devemos aprender a ganhar e a destinar uma pequena parte de nossas aplicações. Se o valor da aplicação for abaixo de R\$ 5 mil, prefira os fundos de investimento, desde que a taxa de administração fique ao redor de 1,5% ao ano para fundos de renda fixa e no máximo 3% para fundos de renda variável. Se for aplicar diretamente em ações, prefira os atrelados ao IBCA. O dólar está caro e não deve ser apostado, por pior que esteja o cenário, se você tem valores pequenos para serem aplicados e vai precisar do recurso em um prazo curto, não há nenhum desmerecimento em aplicar na simples e desburocratizada caderneta de poupança. Em 2012, procure seguir o trilhinho que reger as aplicações de investidores: segurança, rentabilidade e liquidez.

— JOSÉ MÁRCIO DE BARROS  
DIRETOR BANESTES DIFM